

50 anos depois da Revolução dos Cravos, por todo o país, muitos têm sido os eventos a festejar a Liberdade: exposições, debates, espetáculos de música, teatro e dança. Mas também cinema, literatura, desporto, fotografia, assinalam a efeméride, porque a Revolução continua na rua.

O Furo assinala os 50 Anos do 25 de Abril, momento marcante do nascimento da Democracia Portuguesa, com um número unicamente alusivo à data.



“50 ANOS DO 25 DE ABRIL”



NESTA EDIÇÃO

p. 2 - Editorial

p. 3 - A memória tem a palavra

p. 5 - Formas de manifestação e de protesto: do Estado Novo à democracia - O que mudou?

p. 6 - Músicas e cantores de intervenção do 25 de abril.

p. 7 - Onde estava no 25 de abril?

p. 9 - A liberdade de ontem para um amanhã melhor.

p. 11 - Carta de Zeca Afonso à sua filha Joana Afonso

p. 14 - Dia aberto à comunidade

p. 17 - Desfile de Carnaval em Serpa - 50 anos do 25 de abril de 1974

p. 18 - Entrevista ao professor Jorge Mata

p. 19 - Poesia de abril

p. 21 - Há cinquenta anos fez-se revolução!

p. 24 - Concurso de fotografia "50 anos de educação em liberdade

p. 27 - Cartoon

EDITORIAL - INTERVENÇÃO DO "CLUBE DA MEMÓRIA"

POR HUGO OLIVEIRA, LAURA PAISANA, MAFALDA MÓSCA E CAROLINA BARRADAS

"A memória é o que nos torna humanos."

O "Clube da Memória" tem como objetivo preservar as memórias, quer de Portugal, quer de todo o mundo. O projeto começou numa viagem em 2019, com alguns alunos do 12º ano, tendo ido ao campo de extermínio Auschwitz-Birkenau. O nome surgiu do título de um livro, "O dever da memória", que os alunos encontraram na preparação da visita. O intuito deste clube não é o de ser trabalhado nas horas extra da escola, mas sim dentro das aulas. Procurar e conhecer todas as memórias que a Terra e as pessoas têm e celebrá-las. "Pessoas que perdem a memória perdem a vida, passam a ser apenas um corpo", referiu o professor António Martinho, na sua conversa com "O Furo".

O "Clube da Memória" foi oficializado em 2023, apesar de já estar incluído no nosso dia-a-dia.





A MEMÓRIA TEM A PALAVRA!



50 ANOS DO 25 DE ABRIL DE 1974

POR ANTÓNIO MARTINHO

Com Primo Levi (2011), aprendemos que o Dever da Memória significa, antes de mais, a responsabilidade ética e moral de nunca esquecer. Como é o passado que nos diz quem somos, a perda dessa informação implica sempre uma perda de identidade (pessoal e coletiva). A memória é a nossa escola de vida (a forma como as nossas emoções modulam a nossa aprendizagem e influenciam as nossas decisões), é a nossa única verdadeira defesa contra a traição e o abandono (à nossa humanidade; a nós mesmos). Tudo pode ser traído e abandonado menos a memória. Por isso, não podemos permitir o esquecimento (temos de colocar empenho em garantir que determinados acontecimentos e a memória daqueles que os sofreram sejam lembrados, contados, ensinados e alvo de reflexão).

No dizer de Simons (2023), atravessamos uma época de profunda amnésia. À semelhança da mítica merleta, em eterno voo sem ter onde pousar, movemo-nos hoje com tamanha pressa que a História não nos toca. Daqui que a memória se deva tornar no dever sagrado de todos os indivíduos (e povos) de boa vontade, por isso, eduquemo-nos sobre o passado. Aprendamos e honremos o passado. Aprendamos para o futuro e não deixemos que a escuridão tome conta de nós. Devemos honrar a responsabilidade sacra de não esquecer, erguendo-nos sempre contra a intolerância e a injustiça, contra a indigência cultural que impera tanto na educação, como na política e no espaço público. Por isso, o 25 de Abril de 1974 não pode ser esquecido.



A MEMÓRIA TEM A PALAVRA!

Na madrugada do 25 de Abril de 1974, o Movimento das Forças Armadas libertou o Povo Português dos jugos que durante 48 anos a ditadura lhe impôs. É preciso lembrar que existiu um 25 de Abril em 1974, aquilo que foi e porque o foi. A memória faz viver o passado e não podemos consentir o seu esquecimento. Compete à Escola (a nós, os professores) dignificar e valorizar os princípios da Liberdade e da Democracia e celebrar e preservar os valores e as conquistas democráticas da Revolução de Abril, mas também, porque é relevante, transpor as memórias e os testemunhos para as gerações futuras, num espírito de solidariedade criativa e consciência histórica. Nem toda a gente sabe, e nem mesmo quem sabe, sabe o suficiente.

Dizia Primo Levi que quem nega Auschwitz está pronto a recriá-lo. Diremos nós que quem nega o fascismo lusitano (e as suas atrocidades) está preparado para o reconstruir. Por isso, ensinemos sobre o passado, honremos as vítimas (e os heróis, ou seja, aqueles que concretizaram ações excecionais, com coragem e bravura, com o desígnio de dissolver situações limite críticas, tendo como suporte princípios morais e éticos) desse passado desditoso (onde a pobreza, por exemplo, foi preservada e sublimada, e utilizada arditamente como arma) e, acima de tudo, aprendamos para o futuro de modo a confrontar a idiotice e a imbecilidade com a realidade e os ideais e com os valores humanistas. A cidadania ativa e consciente exige pessoas informadas, esclarecidas e curiosas e a educação é indispensável para ajudar nesse propósito, criando sociedades resilientes ao esquecimento; a ignorância e a indiferença são o alimento essencial para a negação do passado e para o reescrever da História. Concelebrar o 25 de Abril de 1974 é lembrar a Coragem e a Inquietação. A luta pela Democracia e pela Liberdade. Acreditar na Solidariedade e na Esperança. E no Bem-Fazer... Saibamos, todos os dias, cuidar (e fortalecer) abril.

António Martinho



FORMAS DE MANIFESTAÇÃO E DE PROTESTO: DO ESTADO NOVO À DEMOCRACIA - O QUE MUDOU?

POR INÊS CANHOTO



Desde os tempos mais antigos que o povo se manifesta perante algo que lhe desagrada, algo que quer ver mudar, normalmente problemas e normas sociais inquietantes.

No tempo ditatorial em Portugal, face a uma censura inegável, a população manifestava-se de uma forma mais subtil e oculta, ou clandestinamente, porém sem nunca desistir. Estas formas de protesto eram visíveis em produções musicais, das quais são exemplo: as senhas da Revolução de Abril: “E Depois do Adeus”, de Paulo de Carvalho, por exemplo; as obras literárias de intelectuais (muitas vezes censuradas pelo famoso “Lápis Azul”), como de Miguel Torga, Vergílio Ferreira, entre outros. Apesar de tentativas de protestos e de criação de organizações em contextos públicos, a polícia política rapidamente os “calava” e prendia (sujeitos até a tortura).

Nos dias que correm existem formas de manifestação livres, através de protestos em praça pública, sejam eles barulhentos ou silenciosos, de marchas e da criação de movimentos espalhados pela Internet ou notificados pela comunicação social.

No decorrer dos tempos, é observável a grande diferença na maneira de protestar quanto aos nossos interesses e desejos, e essa mudança é visível devido à mudança de uma ditadura para uma democracia, que dá azo a uma maior liberdade de manifestação, não nos limitando apenas às mensagens metafóricas na arte.



MÚSICAS E CANTORES DE INTERVENÇÃO DO 25 DE ABRIL

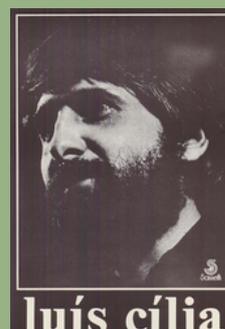
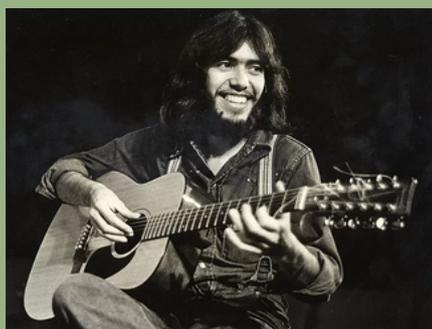
POR MAFALDA MÓSCA



Quando falamos de música, referimo-nos frequentemente aos sentimentos que esta nos transmite, ou o quanto nos identificamos com o artista que escreveu determinada composição. Até antes do dia 25 de abril de 1974, mesmo com a repressão e censura, havia vozes de contestação ao regime do Estado Novo.

Os cantores de intervenção assinalavam as suas músicas com mensagens discretas e subliminares para porem em prática as suas estratégias. No dia da revolução, José Afonso foi o responsável pela autoria de uma das canções que serviu de senha, “Grândola, vila morena”, seguida de “E depois do adeus”, de Paulo de Carvalho, usada como confirmação da senha, músicas que puseram em marcha este movimento naquela noite de 1974. Todos estes temas e cantores optaram por desafiar a censura com o que sabiam fazer melhor, tentavam dar voz às pessoas através da sua. Muitos foram exilados, como é o caso de José Mário Branco que, em 1963 e com apenas 21 anos, se viu forçado a exilar-se em Paris para fugir ao serviço militar e à guerra colonial, relativamente à qual era, expressamente, contra. Regressou a Portugal em 1974, após a Revolução dos Cravos.

Estes foram então os que deram voz ao povo e permitiram expansão do pensamento comum e possibilitaram a comunicação entre os fazedores da mudança.



ACONTECEU ...



ONDE ESTAVA NO 25 DE ABRIL?

POR MANUEL LOBO



No dia 25 de abril de 1974 estava aqui em Serpa, na casa dos meus pais, ainda não tinha casado. Durante a madrugada não me apercebi do que se estava a passar, mas durante o dia desconfiei que algo estava acontecendo, derivado ao facto de as escolas e as instituições públicas terem encerrado e a televisão e a rádio terem interrompido as suas emissões. Os boatos começaram a surgir, e dizia-se: “Há uma revolução em Lisboa.” Não sabia que revolução e qual o motivo da mesma. Havia apenas dois canais de televisão, RTP 1 e RTP 2, e as emissoras de rádio ouvidas em todo o país eram a Emissora Nacional, Rádio Clube Português e Rádio Renascença e poucas pessoas possuíam esses aparelhos, só os mais abastados os tinham. Não havia telemóveis, só alguns telefones fixos, mas poucas pessoas os possuíam, existiam apenas nos Correios e em alguns estabelecimentos da vila. Não me lembro se foi no dia 25 de abril que na televisão e na rádio começaram a surgir comunicados do Movimento das Forças Armadas a aconselhar as pessoas a manterem-se em casa e aguardarem. Portanto, não sei se foi nesse dia que soube o que na realidade já tinha passado e que se estava a passar em Lisboa.



ONDE ESTAVA NO 25 DE ABRIL?



POR LAURA PAISANA E CAROLINA BARRADAS



O “O Furo” saiu às ruas para entrevistar diversas pessoas e saber onde se encontravam no dia 25 de abril de 1974 e como acompanharam a Revolução dos Cravos nesse dia.

Um dos entrevistados foi o historiador e professor de história da Escola Básica Abade Correia da Serra de Serpa, Hugo Fernandez. O professor tinha apenas doze anos e encontrava-se na sua casa, em Lisboa, juntamente com a sua família. “Apercebi-me da revolução pela rádio, a minha família tinha o costume de ouvir [a rádio] ao pequeno-almoço. Ligámos o rádio e começámos a ouvir músicas proibidas”. Com a família reunida a ouvir “Grândola Vila Morena”, começaram a aperceber-se de que algo estava a mudar. “Depois ouvimos o comunicado do MFA, das forças armadas a pedir a colaboração de todos, para que as pessoas se mantivessem em casa. Aí tínhamos a certeza de que tinha acontecido qualquer coisa.” A família do historiador esperou ansiosamente pelo meio-dia daquele dia, já que, naquela época, a televisão só funcionava a partir desse horário. “Começámos a ver as imagens da revolução e vimos que o regime da ditadura tinha caído”. Hugo Fernandez informou ao jornal “O Furo” que durante três dias as escolas estiveram encerradas. Revelou que todos se encontravam contentíssimos com tudo o que estava a acontecer: “Ninguém gostava de viver em ditadura, podia haver alguém que gostasse, mas nós não [risos]. Era muito mau viver em ditadura. Era tudo proibido, nada do que se faz hoje se podia fazer naquela altura. Até mesmo uma entrevista era proibida”.

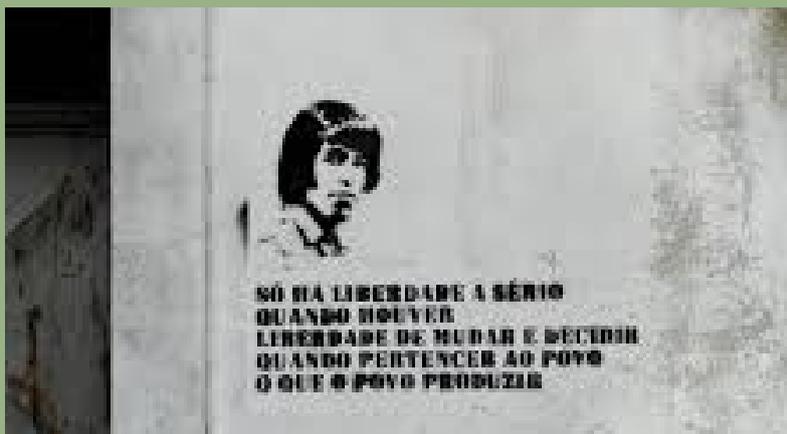
Por fim, o professor revelou que sente diferenças em tudo em comparação à época vivida antes do 25 de abril “desde o vestir, o cinema, a música, tudo mudou, porque pudemos começar a ver e a ouvir coisas que eram proibidas. Não só isso, mas também coisas mais a sério, começámos a viver em democracia, começou a haver eleições, as pessoas puderam dar a sua opinião.”. Pela primeira vez as pessoas conseguiram comemorar o primeiro de maio, Dia do Trabalhador, “Foi uma manifestação enorme em Lisboa e essa foi a minha estreia”.



A LIBERDADE DE ONTEM PARA UM AMANHÃ MELHOR

“SÓ HÁ LIBERDADE A SÉRIO QUANDO HOVER, A PAZ, O PÃO, HABITAÇÃO, SAÚDE, EDUCAÇÃO”.

POR MARTA BENTES



A complexidade do assunto leva Sérgio Godinho a mergulhar em si e expressar o que sente através de um tema musical tão atual hoje como no ano de 1974, em que o lançou. A música aborda temas essenciais à liberdade, na tentativa de o compositor entregar, aos que ouvem, a sensação de criar o seu próprio grito de revolta individual. Atualmente, a famosa frase que marca a Revolução dos Cravos continua a ser um dos principais motes do país português. Somos livres há 50 anos, mas continuamos a ver quem não tenha o que é preciso para ser, num todo, livre, o que me leva a questionar essa liberdade que tanto nos garantem. Após este meio século, a paz é continuamente ameaçada pelos ataques entre países vizinhos e o sentimento de segurança enfraquece-se na euforia da injustiça. O pão continua a ser escasso, e numerosas famílias preocupam-se com o que vão comer no dia seguinte, pensando se algum dia sairão da sua situação precária. Entre 2020 e 2022, mais de 12% da população portuguesa sofria de insegurança alimentar moderada ou severa, o que coloca Portugal acima da média de 8,5% registada na Europa do Sul. A falta de recursos económicos assombra os mais de dois milhões de cidadãos que ganham menos de 551 euros por mês. Em 2024, cinco décadas após o dia em que os que vieram à rua acreditavam numa vida próspera e melhor, mais de 10 700 pessoas vivem sem teto e muitas rendas são de valor superior ao rendimento de quem auferem o ordenado mínimo.

ACONTECEU...



Após anos de luta, a habitação é um dos principais fatores que contribui para a pobreza geral do nosso país. Na saúde, o dinheiro é quem fala mais alto e é quem define o que morre e o que vive. O ano de 2023 terminou com 1.711.982 portugueses sem médico de família atribuído. Estes números comem o direito a sermos ouvidos e sobrepõem-se àqueles sem dinheiro que veem de fora outros a tirar-lhes o lugar. Na educação, há cerca de meio milhão de analfabetos em Portugal, mas o número tem vindo a diminuir ao longo dos anos. Ao mesmo tempo, as escolas perdem-se na procura incessante por professores, levando a que muitos alunos fiquem sem quem lhes ensine o que é preciso. A idade média dos educadores de infância subiu para 55 anos e a dos professores de 1º ciclo para 50. Um número que não pára de crescer e que contribui para que, em Portugal, mais de 60% dos professores sofram de burnout, devido a fatores como a excessiva burocracia, a impaciência e a sensação de não conseguirem acompanhar os alunos individualmente. Para os alunos, estes dados resultam na perda de novos professores nas próximas gerações e no elevado envelhecimento no campo educacional. Hoje, nem tudo mudou para o mundo utópico idealizado pelos milhares que gritaram no dia 25 de abril de 1974. Na verdade, a informação é, nos dias atuais, impreterível à liberdade pela enorme importância que tem na política, na economia e na sociedade. A chave que abre a porta para a vida livre, perde-se nas palavras falsas de uns e nos sonhos irreais de outros. Para além da informação, a lista atualizada para ter liberdade deve também conter o dever de votar. Em 1975, 91,6% da população apta a votar cumpriu o seu dever cívico para que não caíssemos novamente numa antidemocracia controlada apenas pelos mais poderosos. Em 2023, 48,58% dos portugueses decide não falar sobre essa matéria na confiança que o mundo antes da Revolução dos Cravos não voltará a existir. Nos 48 anos em que se viveu “pela calada”, muitos foram presos injustamente, muitos trocaram a escola pela agricultura para conseguirem comer ao fim do dia, outros nunca chegaram a conhecer a vida com um teto e quatro paredes a pudessem chamar “casa”. “Só se pode querer tudo quando não se teve nada” é a frase que marca esta canção, porque, após todo aquele nada que tiveram durante 48 anos, deve-se agora lutar para que nós tenhamos o tudo que eles tanto queriam.

ACONTECEU...



CARTA DE ZECA AFONSO À SUA FILHA JOANA AFONSO

ESCRITA DA PRISÃO DE CAXIAS EM 13-5-1973



"Querida Joana. Como sabes eu estou preso mas também não sou um homem mau. Viste como foi. Não sejas rabujenta e ajuda o Pedro. Se ele estiver birrento lembra-te que ainda é um bebé e tu mais crescida que ele. O que eu não gosto é que sejas egoísta, porque é muito feio. Se algumas das tuas amigas querem tudo para elas deixa lá. Elas fazem mal mas tu não. Explica-lhes que não devem ser egoístas. Tem cuidado com os sugos e outras porcarias iguais porque podes ficar sem dentes. Depois, mesmo que os queiras ter já ninguém te os pode pôr. Ficas como os velhinhos. Alguns deles tinham a mania de comer guloseimas, gelados e caramelos. E também chocolates. Eu lembro-me muito de ti e do Pedro. O Zé ainda não cortou as barbas? Diz à Lena que eu não gosto que ela seja desarrumada. Todos têm que ajudar a mãe e a Dina. Muitos beijos do Zeca Pai. Caxias, 13-5-1973."

ACONTECEU...



25 DE ABRIL DIA ABERTO
AE2 DE SERPA



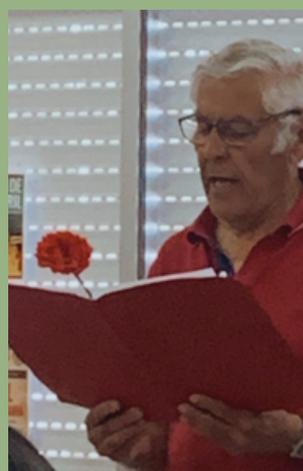
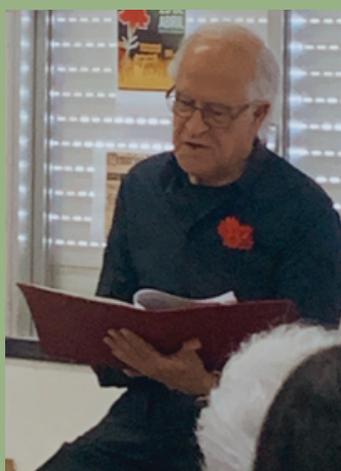
REPÚBLICA PORTUGUESA
EDUCAÇÃO, CIÊNCIA E INOVAÇÃO
AGRUPAMENTO DE ESCOLAS
N.º 2 DE SERPA

PROGRAMA DIA ABERTO À COMUNIDADE 24 DE ABRIL 2024 ESCOLA SECUNDÁRIA DE SERPA

- 8:25h** Praça da Liberdade (Passerelle)
8:35h Praça da Liberdade Por Serpa
9:45h (Átrio D)
10:05h Biblioteca A1 Sala do "Lápis Azul" (FE) Sala E8 Sala convívio
11:35h Praça da Poesia (Bloco D)
11:45h Espaço Democracia (CIA) Biblioteca Sala da Inquietação (CS)
12:15h Sala F6
12:30h Sala F6
14:00h e 14:15h Biblioteca Escolar Átrios Blocos A,B,C,E Sala convívio Bloco F
- Cerimónia de abertura**
Comunicado do Movimento das Forças Armadas "Grândola Vila Morena"
- "A Mudança"**, dança pelo Clube de Dança (Coreografia: Prof. Ricardo Afonso).
"Conversas de abril" (Figuração pelas turmas 7ªA e 10ªC)
Paulo Barriga (Jornalista), António Martinho (Responsável pelo Clube da Memória), Vítor Brasão (Testemunho), Moderadora: Teresa Ramos (embaixadora júnior EPAS)
"Estudantes em ação pelo ambiente"-Recolha de Lixo organizada pelo Clube de Voluntariado em colaboração com a autarquia ("O Mar começa aqui"). Encontro ao portão.
"Vozes da Liberdade"- Emissão da rádio escotar dinamizada pelos alunos das turmas (11ªB/C/D): "E depois do adeus", músicas de intervenção
"Desafios da Democracia" -Palestra pela prof.ª Sandra Costa da equipa da biblioteca escolar seguida de visita guiada à exposição **"Imprensa Livre"** (Profs. História e biblioteca escolar).
"Exploração Ético-Moral de situações limite do antes do 25 de abril"- Palestra pelo prof. António Martinho (Clube da Memória)
"Os Livros proibidos" - Sessão dinamizada pelos alunos do 11ªA (criação 11ªA/E e 10ªB).
"O Povo está na rua- 1383/1385 e 1974"- Exposição guiada pelos alunos do 10ºC.
"A voz: do autoritarismo à democracia"- Exposições guiadas, jogo sobre o 25 de abril, visionamento de curtas-dinamizado pelos professores e alunos de História 11ºBCD e 8ªA.
"Viver abril: Os valores que queremos"- Mural em construção pelos alunos e professores de Educação Especial e visitantes.
"A poesia está na rua"- Poemas ditos por professores e alunos (10ºC, 11ºC e 12ºC).
"As portas que abril abriu", de Ary dos Santos; **"Poemarma"**, de Manuel Alegre pelo 12ºB.
- "Os valores da Democracia estão em causa? Que Liberdades trouxe abril?"**- Debate com os jornalistas Carlos Pereira e Paulo Barriga. Moderador: Vítor Brasão.
- "Emprego na Europa"**-Palestra dinamizada por Ricardo Cataluna do *Centro Europe Direct do Baixo Alentejo*.
"A Revolução", **"Poetas de abril"**, de José Gomes Ferreira. Leitura expressiva de poemas de abril por alunos da academia Sénior de Serpa.
"O Tesouro"- Leitura criativa da obra de Manuel António Pina pela turma do 7ªA.
"Era uma vez um cravo"- adaptação do conto/poesia de José Jorge Letria pelos embaixadores EPAS.
"Era uma vez um cravo!"-Para alunos do 1º e 2º ciclos do AENº1 de Serpa.
- "As Marias de abril"**-Pelos embaixadores EPAS para a academia sénior e comunidade.
Exposições ao longo de todo o dia abertas à comunidade
"Cinco décadas de Democracia" pela PorData, **"Imprensa Livre"** (Eq Biblioteca e Profs.Hist.) **"FACTUM"**-Fotografias históricas do 25 de abril de Eduardo Gageiro.
"A poesia está na rua" seleção de poemas de abril pelos alunos do 12ºC.
"Os cantores e canções de intervenção", pelos alunos do 12ºC.
"#Não Podias", pelos alunos do 7ªA e suas famílias; **Concurso de Fotografia** (para alunos).
"A Censura"- Cenário e trabalhos pelos alunos do 11ºC.
"Abril, mês do laço azul: Prevenção dos maus tratos na infância" (Projeto Eco-Escola e 11ªE).
"O Povo na Rua", pelos alunos do 10ºC; **"Livros Proibidos"**, pelos alunos do 11ªA/E e 10ªB



ACONTECEU...



ACONTECEU...



DIA ABERTO À COMUNIDADE

POR CATARINA SERRA

No dia 24 de abril de 2024, todo o Agrupamento de Escolas nº2 de Serpa esteve envolvido em atividades a fim de celebrar o meio século de liberdade, daí as Exposições em vários locais da Escola Secundária de Serpa, com as salas temáticas: “O Povo está na rua”, pelo 10ºC; “Sala do Lápis Azul”, dinamizada pelos alunos da professora Filipa Figueiredo - 7ºA, 12ºA e TGA; “Sala da Inquietação”- Poetas de Abril, dinamizada pelos alunos da professora Maria João Brasão, 12ºC; Sala de Convívio- “A voz - Do Autoritarismo à Democracia”, dinamizada pelos alunos do 11ºB, 11ºC e 12ºC, da responsabilidade dos professores Brígida Mariano e Guilherme Tanissa. Paralelamente, houve palestras: “Cinco décadas de Democracia: o que mudou?”, no CIA, com o jornalista Paulo Barriga e os professores António Martinho e Vitor Brasão, sob a moderação da aluna Teresa Ramos, do 12ºC, no exterior da Escola Secundária de Serpa; na Biblioteca Escolar, “Desafios da Democracia”, pela professora Sandra Costa; na Sala A1, “Exploração Ético-Moral de situações limite antes do 25 de Abril”, dinamizada pelo professor António Martinho e os alunos do 10ºA e 10ºC; na Biblioteca Escolar, por Ricardo Cataluna, da Europe Direct do Baixo Alentejo, “Emprego na Europa”.

Para além das Exposições e das Palestras, as encenações e “performances” tiveram destaque. Logo pelas 8h30, em Vila Nova de São Bento, “Era uma vez um cravo”, de José Jorge Letria, pelos Embaixadores Juniores do Parlamento Europeu, que repetiram a encenação pelas 14h30 na Escola Secundária de Serpa; “O Tesouro”, de António Manuel Pina, pelo 7ºA; “Revolução”, de José Gomes Ferreira, pelo aluno Santiago Morgado, com figuração dos alunos das turmas 7ºA e 10ºC (soldados, operários, floristas, agentes da PIDE e estudantes), “A Poesia está na Rua”, com “As portas que abril abriu”, de Ary dos Santos, pelas turmas 11ºC e 12ºC e “Poemarma”, de Manuel Alegre, pelo 12ºB. Para terminar o Dia Aberto, a performance “As Três Marias”, pelas turmas 10ºC, 11ºC e 12ºC.

A dança também fez parte do “Dia Aberto”, com a coreografia da responsabilidade do professor Ricardo Afonso, “A Mudança”, pelos alunos do Clube de Dança.



ACONTECEU...

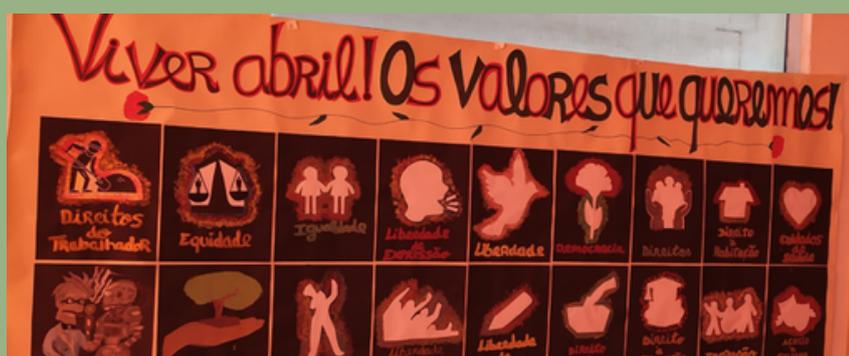


O contacto com a comunidade local também teve lugar, através dos alunos do pré-escolar e dos alunos da Escola Secundária de Serpa com os alunos da Academia Senior de Serpa, havendo lugar a entrevistas intergeracionais.

A pintura de painéis foi outra das atividades de destaque, com alunos do pré-escolar e do 1º ciclo de Vila Verde de Ficalho e dos alunos de Educação Especial da Escola Secundária de Serpa.



Para complementar, visto que “A Arte sempre resistiu a todas as ditaduras”, o cinema também fez parte do Dia Aberto, com projeção de filmes alusivos ao 25 de abril, durante todo o dia, assim como com emissões de rádio em permanência: “As Vozes da Liberdade”, com Música de Intervenção, pelos radialistas das turmas 11ºB e 11ºD.



Como o 25 de abril nos trouxe a Liberdade e a Democracia, os Estudantes em ação pelo ambiente, 12ºA e 12ºB, Clube de Voluntariado e 11ºE (TGA), estiveram nas ruas de Serpa a recolher o lixo e a contribuir para a saúde pública na nossa cidade.



ACONTECEU...



Para finalizar, fica aqui uma fotografia de esperança, o “Cravo Humano”, realizado pelos alunos do pré-escolar e do 1º Ciclo de Vila Nova de São Bento.



ACONTECEU ...



DESFILE DE CARNAVAL EM SERPA - 50 ANOS DO 25 DE ABRIL DE 1974 POR LAURA PAISANA E MAFALDA MÓSCA

No dia 8 de fevereiro de 2024, pelas dez da manhã, realizou-se o tradicional desfile de Carnaval da Escola Abade Correia da Serra, cujo tema foi a celebração dos 50 anos do 25 de abril, retratando a vida do antes, o durante e o após este marco nacional.



O desfile começou, como habitualmente, na escola responsável, passando pelas ruas de Serpa e terminando na Praça da República, com alguns números de dança. Os alunos iam mascarados de diversas formas, sempre em concordância com a temática: encontrámos soldados, floristas, cravos, agentes da PIDE, jornalistas, repórteres, estilos de moda restritos ou não aceites antes do 25 de abril, como os hippies. Por fim, as crianças da creche de Serpa encontravam-se fantasiadas de blocos de Lego, utilizando como pretexto o slogan: “Somos todos peças importantes na construção de um Mundo melhor”.



Após o término do evento, o jornal “O Furo” entrevistou o professor Jorge Mata, responsável pela organização da atividade, que aceitou responder a algumas perguntas sobre o evento na entrevista da página seguinte.





ENTREVISTA AO PROFESSOR JORGE MATA POR LAURA PAISANA E MAFALDA MÓSCA

O Furo - Quanto tempo demorou a organizar o desfile?

Jorge M.- O desfile de Carnaval, normalmente, é começado a preparar no início do 2º período escolar, em janeiro. O primeiro passo é a escolha do tema, para que as turmas comecem a pensar e preparar as fantasias. Depois disso, há um conjunto de contactos que têm que ser feitos, nomeadamente com a Câmara Municipal de Serpa, com a GNR e com outras entidades parceiras nesta atividade.

O Furo - Quem foram os professores responsáveis pela organização?

Jorge M.- A organização desta atividade é da responsabilidade do Núcleo de Projetos, composto por vários professores, cujo coordenador sou eu, Jorge Mata. Na organização estiveram envolvidos o coordenador Jorge Mata, a coordenadora dos Diretores de Turma, Filomena Mourinho, a coordenadora do Clube das Artes, Sara Caetano, a coordenadora do 1º ciclo, Lucrecia Fernandes, e a Direção do Agrupamento.

O Furo - Como foram escolhidos o rei e a rainha?

Jorge M.- Atualmente é difícil encontrar quem queira ser rei e rainha. Fazemos convites e as pessoas recusam por não terem jeito, dizem. Então procuramos e, quase que pedimos por favor, alguém que queira se rei e rainha. Este ano, pela primeira vez tivemos um rei representado por um assistente operacional. A rainha foi a mesma do ano anterior.

O Furo - Há quantos anos se realiza o desfile de Carnaval?

Jorge M.- Eu estou na escola há 23 anos e, nessa altura, já se realizava o desfile de Carnaval. Penso que, nestes moldes, se realiza desde que a escola foi inaugurada, no ano letivo 1993/94. O percurso não foi sempre o mesmo, foi sendo alterado de acordo com as necessidades e as limitações dos alunos, principalmente dos mais pequenos, que não aguentam percursos demasiado longos.

Para além do professor Jorge Mata, o Furo também conversou com o professor de história da escola, Hugo Fernandez, sobre a escolha do tema: “Como é óbvio, o tema do 25 de abril foi selecionado para relembrar a história por detrás deste dia histórico para o país, no qual conseguimos atingir a liberdade após um longo período em que esta não nos era concedida”. Certamente, sem ela, não estaríamos a escrever este artigo para si, caro leitor...



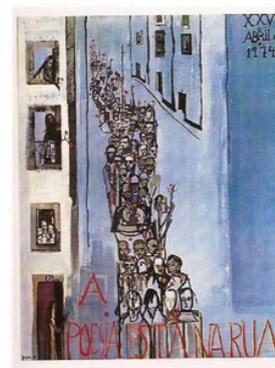


POESIA DE ABRIL

POR SARA TAVARES

Hoje, lembramos o 25 de abril com gratidão,
Por tudo o que conquistámos, por essa revolução.
A liberdade trouxe-nos a voz e a igualdade,
E seguimos em frente, com amor e fraternidade.
Liberdade é voar sem limitações,
É seguir os sonhos e emoções.
É ser quem somos, sem temer,
E abraçar a vida, viver e aprender.
É dançar ao som da emoção,
É expressar-se sem medo ou restrição.
É colorir a vida com alegria,
E viver intensamente, a cada dia.
É respeitar a diversidade,
Valorizar a igualdade e a sinceridade.
É construir pontes e derrubar muros.

A POESIA ESTÁ NA RUA



POEMAS DE ABRIL



FURO LITERÁRIO



O 25 de abril, um dia especial,
A Liberdade chegou, de forma fenomenal.
Portas abertas, sorrisos no ar,
Um novo tempo começou a brilhar.

Ter liberdade é voar sem limitação,
É sentir o coração bater com emoção.
É poder escolher o próprio caminho,
E viver a vida com um sorriso no rosto, sozinho.

É dançar ao som da própria canção,
É expressar-se sem medo de opinião.
É romper as correntes que nos prendem,
E seguir os sonhos que no nosso coração acendem.

Liberdade é ser autêntico e verdadeiro,
É viver cada momento como um tesouro derradeiro.
É abraçar a diversidade e respeitar cada ser,
E construir um mundo melhor, onde todos possam florescer.





HÁ CINQUENTA ANOS FEZ-SE REVOLUÇÃO!

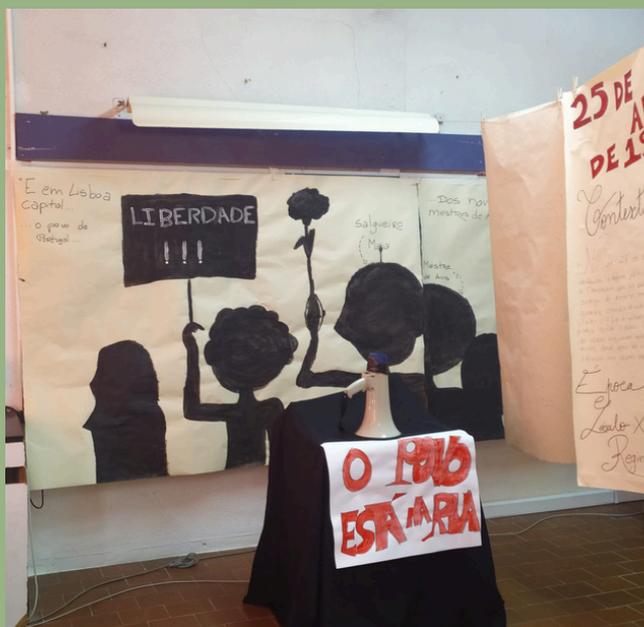
POR INÊS SALGUEIRO

Trabalho finalista do Prémio Literário Infantil e Juvenil ASSESTA 2023/2024



Há cinquenta anos fez-se revolução!
Portugal mudou porque o povo gritou.

Quarenta e oito anos vivemos sob escuta.
Tristeza, medo, angústia, alerta ...
dominavam as gentes daquela época,
tomavam corações delicados
em momentos inesperados.



O temido Salazar mandava,
o obediente povo acatava.
O homem que nadinha respeitava
aqui se apresentara:

Impunha, ordenava
e os portugueses respeitavam.
Proibia, recusava
e os portugueses aceitavam.
Rapazes e raparigas não se cruzavam
e os portugueses calavam.
Mulheres não importavam
e os portugueses por nada zelavam.
Desigualdade predominava
e os portugueses nem se levantavam.



Crianças assistiam a grandes injustiças.
Opiniões nunca eram bem vindas.
Torturas eram prometidas
àqueles que nem grande mal faziam.
Castigos eram sempre a solução
p'ra atos que nem tinham intenção.
Quem qualquer coisa pronunciasse,
frutos disso, coitado, enfrentasse!

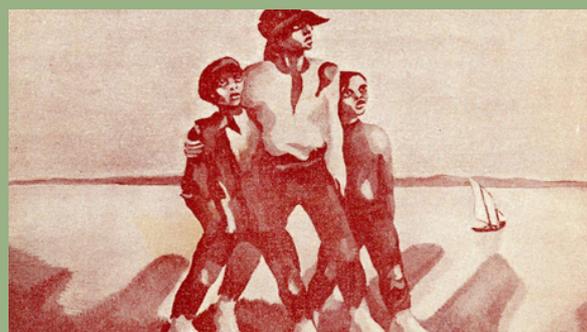


Sufrimento era o tema do antigamente.
Não havia praticamente
quem se alimentasse corretamente.
Sabiam sequer o que era isso?
Não, nem por isso.



Líderes não podíamos escolher,
opiniões não podíamos desenvolver,
Na ignorância éramos mantidos,
com os nossos direitos sempre escondidos.
A voz do povo não tinha valor.
Que lugar injusto e opressivo!
Acabaria um dia o mutismo
a que éramos prometidos?

Sim! Fez-se história.
No grande 25 de abril,
contámos com grande vitória.
O nosso povo subtil,
é hoje uma guerreira memória.
Militares saíram à rua
e corajosamente destruíram
o pesadelo que era a ditadura.



Os humildes portugueses
ouviram o seu desejo de liberdade
e gritaram quantas vezes.
Puseram fim à rivalidade.
Lutaram para que pudéssemos expressar
toda a arte que é nossa qualidade.
Quiseram então assegurar
a nossa merecida igualdade.



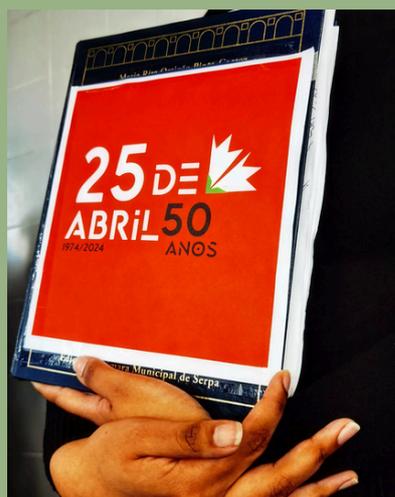


Chegámos até onde estamos.
Podemos falar, gritar
sem qualquer medo do censurador.
Hoje podemos escolher, decidimos,
temos esse poder.
Todos temos direito ao ensino
quando, antes, este era um sonho
que mulheres tinham de esquecer.

Anos depois, infelizmente,
desvalorizada foi esta gente.
A luta incandescente deste povo
não foi honrada corretamente.

Que geração é a nossa
que com nada se importa?
Sacrificaram-se portugueses
pela autonomia em que hoje ninguém vota,
ninguém defende nem entende.
Ainda há quem tenha a coragem
de dizer que o 25 de abril
não foi ato de tal vantagem.

Sem liberdade não há democracia.
E estes jovens de hoje em dia
deveriam olhar para o seu poder
e o mesmo bem reconhecer.





POR LAURA PAISANA, MAFALDA MÓSCA E CAROLINA BARRADAS

Grupo 1 "Fotógrafas sem censura"

Título: "O cravo passou de mão em mão, até chegar à lapela do capitão e da sua multidão"

Nesta coletânea de fotografias, tiradas no dia aberto, 24 de abril de 2024, este grupo tentou mostrar o caminho percorrido por um pequeno cravo no decorrer deste dia. Este cravo andou de mão em mão, de olhar em olhar, até que, por fim, a população o ergueu no ar, dando-lhe o destaque e a posição onde merecia estar.

Fotografia 1



Em "Era uma vez um cravo", este passou da mão de uma florista para um soldado que se encontrava numa das ruas de Lisboa.



Fotografia 2



Em “Era uma vez um cravo”, pelos Embaixadores Juniores do Parlamento Europeu, o cravo passou de mão em mão, pela multidão.

Fotografia 3



Em “As portas que abril abriu”, de Ary dos Santos, o cravo ganhou, de novo, destaque, e permanece vigilante, para que estas não se voltem a cerrar.



POR DUARTE QUINTOS, RICARDO REIS E JOSÉ FREITAS
Grupo 2

Título: "O Povo é quem mais ordena"

Os 50 anos do 25 de abril, como não podia deixar de ser, foram também assinalados na nossa escola, naquele que foi chamado o dia aberto, 24 de abril de 2024. Tivemos oportunidade de celebrar e relembrar esta data de especial importância para todos nós, com diversas atividades organizadas pela comunidade escolar, com a participação de alunos, professores, funcionários, mas também com a presença de pais e encarregados de educação e outros membros da comunidade local. Fica aqui o registo da nossa participação, com a fotografia 6.

Fotografia 6 - Melhor fotografia



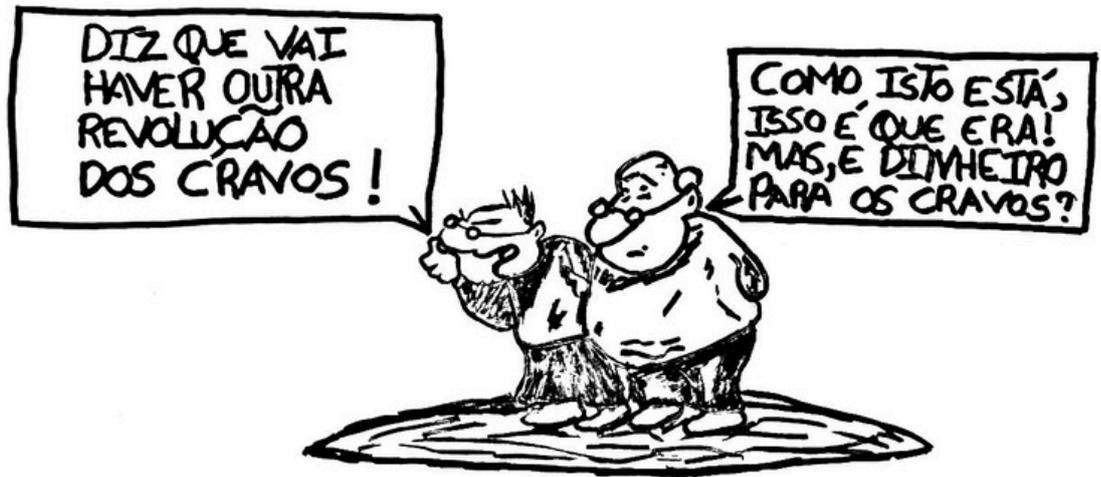
Dos dois conjuntos de fotografias apurados para o concurso alusivo ao Dia Aberto "50 anos de Educação em Liberdade", o Júri, constituído por representante da Direção, representante do Conselho Geral, representante dos Funcionários, representante da Associação de Estudantes e professor convidado Vítor Brasão, votou e escolheu:

1.º lugar, por unanimidade, conjunto fotográfico "O cravo passou de mão em mão, até chegar à lapela do capitão e da sua multidão", do grupo "Fotógrafas sem censura" Melhor fotografia, pertence ao grupo 2 designado "O Povo é quem mais ordena", com a foto n.º 6 (com 3 votos de 5).

As fotografias vencedoras serão expostas na Escola Secundária de Serpa e os prémios a cargo da presidente do Conselho Geral, disponibilizados pela Câmara Municipal de Serpa, entregues em cerimónia a definir.



50 ANOS DO 25 DE ABRIL



MARGARIDA
ALVES
18º B



O FURO - FICHA TÉCNICA: Número 6, setembro de 2024;

Coordenação: Maria João Brasão; Pedro Moreira; Sandra Costa. **Redação:** Catarina Serra, Inês Canhoto, Marta Bentes, Mafalda Mósca, Laura Paisana, Carolina Barradas, Hugo Oliveira, Sara Tavares, Margarida Alves. **Colaboradores:** professor António Martinho, professora Isabel Pereira; alunos do 1º ciclo do AE2 Serpa, professora Sónia Correia, professora Brígida Mariano e Inês Salgueiro

Correspondente da Academia Sénior de Serpa: Manuel Lobo. **Fotografia:** Vítor Brasão e membros da redação. **Revisão:** Maria João Brasão; Pedro Moreira; Sandra Costa. **Design e paginação:** Santiago Morgado; Catarina Serra. **Impressão:** Reprografia Escola Secundária de Serpa **Sede:** Clube de Jornalismo, Escola Secundária de Serpa, R. José Manuel Da Graça Afreixo, 7830-358 Serpa. **Telefone:** 284540200.